A grayscale illustration of a crime scene. In the background, a man with a stern expression holds a handgun. In the foreground, a young boy and a young girl with curly hair look shocked and scared, with their hands raised in a gesture of surprise or fear.

Maurício Veneza

Crime na escola sinistra



Ilustrações: Maurício Veneza

1ª edição

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistentes editoriais • Jacqueline F. de Barros/Vivian Nunes

Preparação de texto • Luiz Ribeiro

Revisão • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Camila R. Santana

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisor de arte • José Maria de Oliveira

Assistente de produção • Grace Alves

Diagramação e finalização • Setup Bureau Editoração Eletrônica S/C Ltda.

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Lúcia Leal Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Veneza, Maurício

Crime na escola sinistra / Maurício Veneza ;
ilustrações do autor. – 1. ed. – São Paulo : Atual,
2004. – (Entre Linhas: Mistério)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0522-5

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

04-4836

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

12ª tiragem, 2019

Copyright © Maurício Veneza, 2004.

SARAIVA Educação S.A.

Av. das Nações Unidas, 7.221 – 2ª andar – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Atendimento ao cliente : (11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

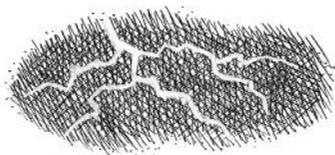
CL: 810495

CAE: 576067

Todos os direitos reservados

Impressão e Acabamento:

Sumário



Numa noite de temporal 5

Um pouco antes 10

Perdidos e achados 15

A escola sinistra 17

Tudo em família 21

Passado e presente 24

Outro 26



Sempre cabe mais um 30

Visitantes demais 35

Dois prisioneiros 40

Passos na escuridão 44

Crime na escola sinistra 49

Suspeitas e mais suspeitas 54

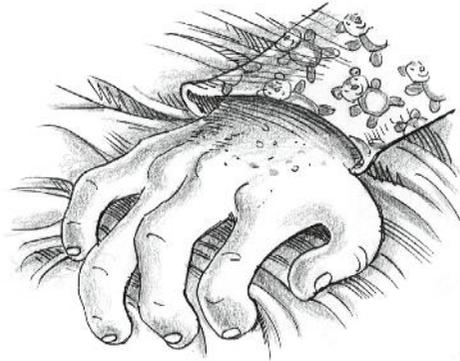
Espantosas revelações 59

Encarcerados 64

Mais revelações 69

O fim do mistério 72

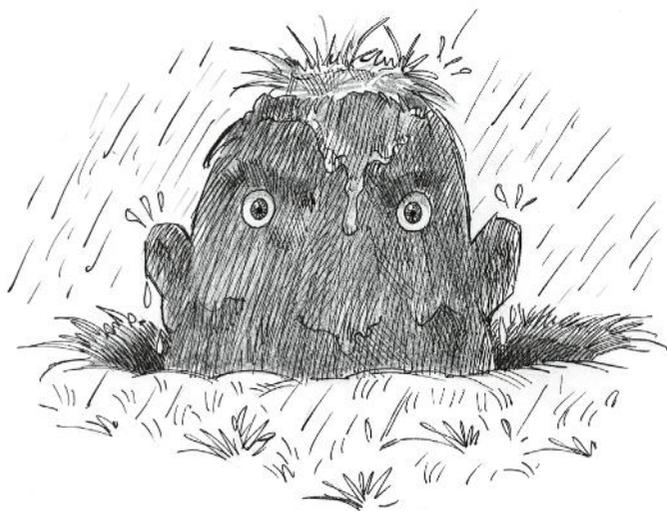
Finalmente 75



O autor 76

Entrevista 78

Numa noite de temporal



A chuva começara havia quase uma hora. Tinha jeito de que não ia parar tão cedo. Os pássaros, recolhidos às árvores logo que escurecera, não conseguiam deixar de se molhar. Sob uns arbustos, um coelho tentava se proteger. Num certo momento, teve a atenção despertada ao sentir que o solo ao seu lado estremecia. Olhou, curioso. O movimento continuava.

De repente, a terra se abriu e alguma coisa emergiu dela. Assustado, o coelho saiu correndo, preferindo encarar a chuva ao desconhecido.

Do buraco apareceu, com um tufo de grama no topo, a cabeça de um homem. A lama encobria suas feições.

– Conseguimos! Nós conseguimos! – Ergueu o corpo para fora com dificuldade e, ajoelhando-se, deu a mão a um segundo homem que vinha logo atrás. – Vamos embora! Temos que sair daqui o quanto antes! Daqui a pouco é hora da ronda, e vão perceber a fuga!

O outro estava tão enlameado quanto ele. Pareciam dois caranguejos.

Do buraco saiu outra voz:

– Ei! E nós?

– Vocês que se virem! Já foi muito deixarmos vocês usarem o túnel que NÓS cavamos.

Ouviram-se mais vozes, todas falando alto e ao mesmo tempo:

– Eu primeiro!

– Calma, gente! Um de cada vez!

– Sai da frente!

– Larga a minha perna!

– Não empurra!

Enquanto os demais prisioneiros tentavam sair do túnel apoiando-se na borda do buraco e escorregavam sucessivas vezes na terra molhada, caindo uns por cima dos outros, os dois primeiros desceram a encosta gramada até a estrada e dispararam na carreira. Precisavam ganhar tempo e se afastar o máximo possível antes que a fuga fosse percebida.

A alguma distância, os altos e escuros muros do presídio erguiam-se ameaçadores. De vez em quando, o clarão de um relâmpago os iluminava.



– Para onde vamos, mano?

– Para qualquer lugar onde a gente possa ficar até as coisas esfriarem, de preferência bem longe daqui!

Depois de alguns minutos, saíram da estrada e embrenharam-se no mato, evitando ser vistos.

– O que a gente precisa é encontrar alguma casa, Osmar! Nos filmes, quem foge da prisão sempre rouba roupas no varal das casas!

– Ô, seu cérebro de minhoca! Está chovendo pra caramba! Quem ia deixar roupa no varal, com um tempo desses?

– *Ih*, é mesmo!

Naquele mesmo momento, no presídio, o guarda que fazia a ronda acabava de descobrir a fuga.



O velho tirou o cachimbo da boca e dirigiu-se ao filho:

– Como é, vai jogar ou vai ficar pensando a noite inteira?

– Deixe o menino, Chico. Você vive implicando com eles – a mãe interferiu.

– Leoa defendendo os filhotes... Eles já cresceram, mulher. São marmanjos! Não precisam de que você os defenda.

Não havia muito a fazer numa noite chuvosa como aquela.

Olhando as cartas na mão, o filho hesitava. Tinha o raciocínio meio lento para certas coisas.

– Escutem! – O rapaz mostrou, de súbito, uma expressão atenta. – Não ouviram um barulho lá fora?

– Está chovendo. É claro que esse aguaceiro faz o maior barulho – o irmão fez pouco caso.

– Não é isso. Eu achei que tinha ouvido...

– Anda, deixa de desculpa! Joga logo!

– Mulher, não quer pegar um café na cozinha pra nós?

A mulher olhou para ele, desconfiada.

– Vocês querem que eu saia para olharem as minhas cartas! Pensam que eu não sei?

Depois de alguns segundos de silêncio, o barulho de alguma coisa que caía lá fora chamou a atenção de todos.

– Agora eu ouvi!

– As bicicletas!

– Pega a espingarda, pai!

Levantaram-se afobados, largando as cartas de qualquer jeito, duas das cadeiras chegaram a tombar no chão. Quando abriram apressadamente a porta, viram uma das bicicletas que ficavam no telheiro tombada na lama.

– Diacho!

– Ladrões! Roubaram duas bicicletas! – O pai lamentou não ter dado ouvidos à primeira advertência do filho.

– Se eu pego o desgraçado que fez isso!...

– Ainda bem que a minha ficou – disse o mais novo.

O velho sacudiu a espingarda, gritando para o escuro da noite:

– Seus filhos da....

– Vem, pai. Quem fez isso já deve estar bem longe...

– A gente precisa de um cão de guarda! É o que eu sempre digo, a gente precisa de um bom cão de guarda!

– Certo, pai. Agora vem pra dentro, sai da chuva.

– O que eu não atino é por que alguém ia enfrentar um temporal desses só pra roubar duas bicicletas velhas!



– Demos sorte, Osmar!

– Não são lá grande coisa, mas é melhor do que fugir a pé. Os dois pedalavam furiosamente sob a chuva. A água havia lavado grande parte da lama que os envolvera.

– Nosso primeiro roubo depois da fuga da prisão. Chego a ficar emocionado! Dá até vontade de chorar... – Ao lado do irmão Osmar, Omar parecia sinceramente comovido.

– A vantagem é que, se for preciso sair de novo da estrada pra cortar caminho, a gente pode carregá-las nas costas – disse Osmar.

– Bom seria se aparecesse um carro agora. Era só fingir um acidente...

– Só com um golpe de sorte, Omar. E é melhor não contar muito com isso!

– Pr'aquela prisão eu não volto, mano!

– Fique tranquilo. Se a gente conseguir tomar distância, nunca mais põem a mão em nós!



– Como? Como deixaram acontecer uma coisa dessas?! – O diretor da prisão estava furioso. Tirou a capa de chuva e a entre-